

# A PINTURA NA ARTE JAPONESA

Tarsila do AMARAL

(Copyright dos "Diarios Associados")

A pintura japonesa, durante muitos seculos presa á iconographia buddhica, manteve a sua espiritualidade intacta até o seculo XVIII. Dahi em deante as tendencias materiaes e a contemplação da belleza terrena foram aos poucos amortecendo a contemplação interior.

Hoje um espirito novo, surgido das conquistas scientificas, vae transformando o nipponico que ainda conserva uma grande dóse de idealismo atavico. Um povo que remonta a sua historia a 600 annos antes de Christo, até a pessoa de Jimmu, que era neto legitimo do Sol, nunca deixará de ser idealista. Um povo que descende do Sol, será sempre de raça amarella, de rosto redondo e dourado como o seu antepassado.

O caracter regional tende a desaparecer pela acção da sciencia que vae levando o progresso a todos os recantos do mundo, irmanando todos os povos numa familia universal, mas sempre restará alguma coisa typica determinada peio meio.

Entre a arte japonesa e a occidental existe uma grande differença estabelecida pelos canones radicalmente diversos. Diz Stewart Dick no seu livro sobre artes e officios no Japão antigo: "Toda arte se funda em convencionalismos que correspondem a um modo proprio de expressar-se. Se desejamos comprehendere a arte japonesa devemos aceitar os seus convencionalismos, devemos nos adextrar na sua linguagem e ver as coisas com os mesmos olhos que elles." Portanto, a arte japonesa antiga, emanada do espiritualismo, com os seus convencionalismos correspondentes, não pode ser cotejada com a occidental.

A arte da pintura, introduzida entre os nipponicos por intermedio dos sacerdotes buddhistas que passaram da Coréa ao Japão no seculo VI, teve, do seculo VIII ao X, um periodo intensamente prospero.

Os pintores primitivos ornavam os templos com seus magnificos trabalhos que, na maioria, não eram assignados, demonstrando que esses artistas não pensavam na gloria ephemera, de transmittir um nome á posteridade. A pintura japonesa mais antiga que se conhece foi executada no seculo VII nas paredes de um templo de Nara. O seculo IX teve um surto de progresso material e riqueza artistica. Dois poetas celebres, Narihira e Komachi, deram seus nomes ao lado de

por meio de tinta da China e pinceis finissimos, é desenhar. Mas agora, que o Japão inunda os mercados europeus e americanos de canetas-tinteiros, ainda continuam a escrever com pinceis?

Entre os artistas de principios do seculo XVI, ainda mais notavel que Massanobu foi o seu filho Motonobu (1477-1559). Durante muitos annos viveu na pobreza, correndo mundo com seus pinceis, estudando, pintando tudo que via. Tornou-se o artista mais notavel da sua época, a sua fama se alastrou, os seus leques pintados eram offerecidos como presente ao imperador. Motonobu, no apogeu da sua carreira artistica, ligou-se á aristocracia por um casamento feliz.

Muitos outros pintores famosos deram a sua contribuição á arte japonesa, mas o que realmente marcou uma nova etapa foi Maruyama Okio (1733-1795), fundador de uma escola naturalista. Os criticos antigos diziam que "a arte de pintar pode ser praticada conforme dois systemas: o primeiro consiste em expressar o espirito da natureza e o segundo em copiar as suas fórmulas exteriores". Okio rompeu com a tradição e preferiu pintar a natureza tal como os seus olhos enxergavam. Foi o artista das paisagens, dos peixes, das aves e das flores. O seu realismo é surpreendente, mas a graça e a elegancia da linha não negam o japonês typico.

O ultimo dos pintores notaveis do Japão, do seculo XIX, foi Kikuchi Yosai, que soube reunir o espirito hieratico dos antigos á riqueza de cores da escola moderna.

Hoje, entre muitos artistas que chamam a attenção para o Japão, o nome consagrado como expoente é o de Fujita. A sua pintura, embora bastante occidentalizada, não desmente o japonês nas suas deformações cheias de espirito. O seu desenho firme, de linhas finissimas executadas a pincel, encontra a sua filiação nos antigos mestres.

O espirito, a graça, a pureza da linha são os caracteristicos da pintura japonesa. A linha é o que pode haver de mais convencional, já que ella não existe na natureza. A esse respeito, lembro-me da insígnia de Robert Delaunay, o pintor da Torre Eiffel, em fazer pintura sem linhas. Delaunay, quando o vi pela ultima vez, ha quatro annos, andava obcecado por essa idéa, mas os seus paineis decorativos de turbi-

intensamente prospero.

Os pintores primitivos ornavam os templos com seus magnificos trabalhos que, na maioria, não eram assignados, demonstrando que esses artistas não pensavam na gloria ephemera, de transmittir um nome á posteridade. A pintura japoneza mais antiga que se conhece foi executada no seculo XVII nas paredes de um templo de Nara. O seculo IX teve um surto de progressó material e riqueza artistica. Dois poetas celebres, Narihira e Komachi, deixaram seus nomes ao lado de Kosé no Kanaoba, que foi o primeiro pintor que se dedicou a assumptos profanos, que não impediu que a sua arte continuasse espirital. O mais conhecido dos seus trabalhos é o retrato de um principe que se acha num templo de Kioto.

Os seculos XI, XII e XIII foram fecundos em produções artisticas. Em 1351 nasceu um artista assombroso, Cho Densu, que rivaliza com Kanaoba. Cho Densu tornou-se celebre não só como artista, mas tambem pelas suas virtudes. Era um santo.

Sesshiu (1420-1506), com a idade de quarenta annos era pintor afamado, quiz, entretanto, melhorar a sua arte e foi á China para estudar com os mestres. Lá chegando, viu que nada tinha que aprender. Deuse o inverso do que esperava: os mestres chinezes procuraram aperfeigoar-se com elle. As suas paizagens são celebres. O Museu britannico possui varias das suas obras.

Kano Massanobu, de principios do seculo XVI, foi outro pintor notavel. Fundou uma escola nova, baseada nos processos calligraphicos dos antigos mestres chinezes, adaptando-as ao verdadeiro estylo japonex.

Deve-se notar que na China o desenho pertencia ás artes da calligraphia e que, mesmo actualmente, todo chinez e todo japonex culto sabe desenhar, porque escrever os caracteres

executadas a pince, encontra a sua filiação nos antigos mestres.

O espirito, a graça, a pureza da linha são os caracteristicos da pintura japoneza. A linha é o que pode haver de mais convencional, já que ella não existe na natureza. A esse respeito, lembro-me da insistencia de Robert Delaunay, o pintor da Torre Eiffel, em fazer pintura sem linhas. Delaunay, quando o vi pela ultima vez, ha quatro annos, andava obcecado por essa idéa, mas os seus paineis decorativos de turbilhões de cores luminosas, sem pretensão a naturalismo, não poderam, entretanto, evitar o convencionalismo da linha. Os pintores japonezes não evitam esse convencionalismo e servem-se delle francamente como o seu melhor meio de expressão. E está me parecendo que pintar ou desenhar sem linhas, como quer Delaunay, é o mesmo que falar sem palavras.

Entre os artistas japonezes não ha o preconceito de que o pintor de leques ou biombos esteja num plano inferior. Todos os grandes artistas nipponicos pintaram sempre esses objectos e adoptaram, como até hoje, para as suas pinturas fórmas que, para nós, parecem destinar-se a objectos decorativos. A mais usada dessas fórmas é o "kakemono", que consiste num quadrilongo de seda ou papel, que deve ser dependurado com o lado mais longo em sentido vertical, tendo um rolo de madeira leve na parte inferior, no qual a pintura poderá ser enolada como um mappa. A parte superior é presa a um sarrafo estreito de madeira de onde sae um cordão para se dependurar o "kakemono". A pintura feita no centro, apresenta uma larga margem que lhe serve de moldura. Outra fórma menos usada é o "makimono", que é preparado nas mesmas condições que o "kakemono", sendo que a parte mais

horizontal. Os "makimonos" não devem ser dependurados. São mostrados no chão, onde vão sendo desenrolados um a um, constituindo geralmente uma série de scenas.

E os artistas dos "kakemonos", que fazem grandes pinturas que a gente carrega na mão como um guarda-chuva, reflectem, na apresentação das suas obras, a sobriedade da sua vida em casas de paredes internas de papel, onde a simplicidade constitue a nota ele-

regadas in-  
mpenhados  
stencia.  
terminou  
maes não  
trinchel-  
eram in-  
terosos al-  
llados em  
o o speaker  
visadas  
arxistas.

TOP  
OSLOS  
2518  
1906

# Associação dos Jornalistas Catholicos

Visita do Exmo. Sr. D. Aquino Corrêa — A fundação da Associação dos Jornalistas Catholicos em S.

9-3-1903 Luiz do Maranhão

S. PAULO, 25 (Da A. J. C. B. para O DIARIO) — Hontem, ás 20 horas, a Associação dos Jornalistas Catholicos teve a satisfação de receber, em sua séde social, a visita de sua excellencia reverendissima o senhor D. Francisco de Aquino Corrêa, arcebispo de Cuyabá, que se fez acompanhar do reverendissimo padre Luiz Marcigaglia, director do Lyceu Coração de Jesus, e de seu secretario particular.

Na séde da Associação, á rua Riachuelo, palacete Santa Francisca, aguardavam o illustre visitante, toda a directoria e os membros do conselho, numerosos socios, estando tambem presente o reverendissimo padre Luciano Rogé, vigario do Ypiranga e um dos directores do Circulo

arreira aristocracia

pres famo-  
tribuição á  
que real-  
nova etapa  
o (1733-  
uma esco-  
ticos anti-  
de pin-

6 — Ao  
metros 1  
80-90 kilo-  
5 — Na  
mude o o  
4 — A  
lometros  
60 kilomet  
3 — Na  
celetar a  
xando o m  
samente, a  
2 — De  
oleo lubrifi  
a quantida  
cionat ver  
1 — Ant  
Eis os ec  
dade.  
perfeito t  
dos manes  
adquirir a  
modo a d  
de bom av  
com rigor  
cundario.

está já re  
da. O po  
novos sera  
pedal, mo  
A observ  
dar.  
prietario e  
gasta-se lo  
não recebe  
ro, por m  
todos os q  
que poder  
Eis um  
cebe".  
razão dire  
"A dura

Como se  
A DURAH

CARR  
A DUR

Operario da sua parochia. O senhor D. Aquino Corrêa, visitou todas as dependencias da A. J. C., informando-se das actiidades dos seus varios departamentos, mostrando-se muito interessado e satisfeito por tudo que lhe foi dado a ver.

## SOCIO BENEMERITO

Após, na sala da directoria, o senhor Julio Rodrigues, presidente do Conselho da Associação, por delegação dos presentes, fez uma affectuosa saudação ao preclaro arcebispo, terminando por entregar a sua excellencia o seu diploma de socio benemerito da associação, consoante deliberação da directoria e do Conselho levando em conta as provas de solidariedade que sua excellencia reverendissima tem trazido á Associação dos Jornalistas Catholicos, e as palavras de encorajamento que lhe tem dirigido, fazendo assim coro com o sentir de todos os membros do episcopado que, no dizer do orador, veem prestigiando a entidade catholica na qual, já hoje, estão integrados todas as revistas e todos os jornaes catholicos do Brasil, embora já em alguns Estados constituídos em associações congeneres, como aliás a propria associação de São Paulo se tem fortemente empenhado, afim de que, em breve, na Capital Federal se possa installar a federação desses jornalistas.

## COMO FALOU O ARCEBISPO DE CUYABA'

O senhor arcebispo de Cuyabá, agradecendo a recepção festiva e carinhosa que lhe fora feita, pronunciou formoso e substancioso discurso em torno das tres palavras que constituem o titulo da associação. Associação, jornalistas e catholicos jornalistas, foram themes que permittiram a sua excellencia pronunciar bellissimo discurso, cheio de ensinamentos preciosos e de deducções de relevante alcance para a realização de obras mui necessarias no momento actual, disse sua excellencia. Associação, união de forças; jornalistas, os constructores da grandeza da patria; catholicos, a confissão de que serão obreiros da fraternidade e da caridade, unindo a todos os cidadãos, sob a bandeira da fé christã e sob o influxo das tradicionais doutrinas catholicas, que hão de assegurar a marcha constante do Brasil na senda que vem trilhando com tanto garbo e tanta gloria.

As palavras do eminente prelado, patriota e homem de letras, despertaram grande enthusiasmo na assistencia.

Logo os jornalistas catholicos, foi recebido o seguinte telegramma de s. excia. revma. o sr. d. Carlos Carmello Vasconcellos Motta, arcebispo de S. Luiz do Maranhão, communicando a fundação, na sua archidiocese, de uma associação congeneres.

"Presidente A. J. C. — Rua do Riachuelo, 2, sexto andar, S. Paulo.

de forças; jornalistas, os constructores da grandeza da patria; catholicos, a confissão de que serão obreiros da fraternidade e da caridade, unindo a todos os cidadãos, sob a bandeira da fé christã e sob o influxo das tradicionais doutrinas catholicas, que hão de assegurar a marcha constante do Brasil na senda que vem trilhando com tanto garbo e tanta gloria.

As palavras do eminente prelado, patriota e homem de letras, despertaram grande enthusiasmo na assistencia

— Os jornalistas catholicos, foi recebido o seguinte telegramma de s. excia. revma. o sr. d. Carlos Carmello Vasconcellos Motta, arcebispo de S. Luiz do Maranhão, communicando a fundação, na sua archidiocese, de uma associação congenerere.

“Presidente A. J. C. — Rua do Riachuelo, 2, sexto andar, S. Paulo.

Cumprindo promessa, fundamos aqui, hoje, a Associação dos Jornalistas Catholicos. Enviamos-vos, agora, nossas congratulações fraternas”. Arcebispo do Maranhão.

O sr. Alberto Azevedo, vicepresidente da A. J. C. procedeu a leitura desse telegramma que foi saudado com grande salva de palmas e que deu logar a muita satisfação de todos os presentes, por mais este nucleo ora agremiado á obra que a A. J. C. vem conduzindo, pois que hoje já elle pode referir á existencia de congeneres em quatro grandes cidades do Brasil: Rio de Janeiro, Bello Horizonte, Recife e São Luiz do Maranhão, estando em trabalhos de formação as da Bahia e de Porto Alegre.

#### NO LIVRO DE IMPRESSÕES

Antes de se retirar da séde, s. excia. deixou no livro de visitantes as seguintes referencias:

“Ao visitar, hoje, a séde da Associação dos Jornalistas Catholicos, aqui deixo consignada a minha optima impressão ante o que vi e ouvi, admirando o enthusiasmo sobrenatural desses moços que, em época de tanto materia-